

A VESPA DO PARNASO!

Collecção de Poemas Lisangeiros,

POR UM MORDOMO DAS ALMAS DE CAMPANHÃ,

*Que vem de collarinhos tezos metter a
falla ao bucho ao seu Juiz, author das*

FOLHAS CAHIDAS.

Obra de 100 r.^s, e que vale bem um pataco,
por ser muito instructiva, e de grande
proveito para quem não sabe lêr.



PORTO:

—
TYPOGRAPHIA DE J. A. DE FREITAS JUNIOR,

RUA DAS FLORES N.^{os} 250 a 253. = 1854. =

A YZEPÁ.

HOMENS loucos! desgraçados,
Que em liberdade fallaes!
Viveis todos enganados;
Livre sou eu — ninguem mais!
Por todo o mundo girando
Me vereis sempre, voando,
Pica-aqui, pica-acolá;
Em quanto que algum ingrato,
Com a sola do sapato,
Crua morte me não dá!

Vós, oh homens, quantas vezes,
Malvados no coração,
Sois na apparencia cortezes,
P'ra occultardes a traição!...
Infamia! cruel engano!

Eu — se em volta d'um magano
Dou tres giros, sem parar,
E' que o julgo puro e honrado;
Porem se o creio culpado
Heide o por força picar.

Cuidareis vós que algum tolo,
De muitos que a gente vê —
Que não levam muito bolo
Por não haver quem lh'os dê —
Algum parvo d'*excellencia*,
Por vergonhosa influencia,
Póde embotar-me o ferrão?
E, embora seja um maluco
D'onde eu possa tirar succo,
Hade escapar-me?... pois não!..

Quando pilho um desses *nobres*,
Ricos só d'aureo metal;
Mas d'*espírito* tão *pobres*
Que não possuem real;
Não lhe saio do costado:
Sei que é trabalho baldado,
Por que a pelle dura tem;
Mas eu fico satisfeita,
Que o meu ferrão só respeita
A virtude — mais ninguem!

Pois quando encontro uma dama
Que litterata quer ser,
E por fim *bepa* me chama,
Sem disso a causa saber?!...
Não só então a não poupo,
Mas sinto não ter um choupo,
Do meu ferrão em lugar;
Se quer desculpa das faltas,
Não se metta em danças altas,
Entretenha-se a fiar.

E ha tantas dessas patetas,
Sempre filadas ao *b*,
E que tentam ser *poetas*;
Sem saberem o — *a* — *b* — *c* — !
Tolas! nas horas perdidas,
Pegai nas FOLHAS CAHIDAS,
Boa lição achareis!
E se um conselho tão rico
Desprezaes.... então.... eu pico!
E depois, não vos queixeis!

Quando encontro um rapasinho
Que se diz senhor doutor,
E anda muito encanadinho,
Deitando grande fedor;
E que inda, além do mau cheiro,

E' nas leis tão estrangeiro ,
Ou inda mais que um bedel ;
Destes... se posso apanhal-os ,
Que prazer sinto em pical-os !
São docinhos como mel !

Mesmo o medico *homeopatha* ,
Ou aquelle que o não é ;
Raspailista ou *allopatha* ,
Que nenhum p'ra mim tem fé ;
Não fogem á minha agulha !
Não... que todos teem borbulha ,
Onde se espete o ferrão ;
Embora se fiquem rindo ,
A's picadas resistindo ,
Tão duros como um *barão* !

O poeta que juntando ,
Brizas , *fadas* e *condões*
Vai tudo em linha formando
Com outros taes palavrões ;
Esse irrita , coitadinho ,
As iras cá do bichinho ,
Que só aos tolos quer mal !
Fuja , pois , quem tem o sestro ,
Quando não pico-lhe o estro
Com picadella mortal .

P'ra o gordo commerciante,
Que fidalgo exige ser;
E se torna um traficante,
Sem disso precisão ter;
E depois se finge beato
E nos mostra o seu retrato
Em todos os hospitaes,
Meu ferrão não vale nada;
Para esse — espora — e aguilhada!
— E não digam que é de mais! —

Macho ou femea, velho ou novo,
Feio ou bello, sabio ou não,
Ou seja nobre, ou do povo,
Chega a todos meu ferrão:
Se mais do que isto desejas,
Mesmo em ti — quem quizer que sejas —
Heide *ferrar-te*, leitor!
Mas suspende o teu juizo!
Que me entendas é preciso;
— Sou *Vespa* — não *ferrador* —!



o VENTO LESTE.

UM dia, em que o vento leste
Sibillava com furor,
A revolta em Riilhafolles
Ao mundo causava horror.

Um, soprando furibundo,
E correndo a caza inteira,
Gritava, com voz roufenha,
Ai que brisa tão fagueira!

Fitando os olhos no tecto,
E p'r'as moscas apontando,
Vinde ver — outro dizia —
As estrellas scintillando!

Outro, na cama estendido,
Alto bradava: « oh rapaz! »
Fecha a janella! — estou morto!
Só da campa quero a paz!

Dançando como um possesso,
Um bradava com furor:
Oh caramba! — *Eu vim ao mundo*
P'ra ser victima da dôr!

Nisto ao longe orneia um burro!
Diz um, cheio de paixão:
Eis a voz meiga e sentida
Que me falla ao coração!

Um, pegando n'um bacio,
Diz, com voz sentimental:
Deixa-me depôr um beijo
Nos teus labios de coral!

Outro arreganhando a boca,
Dizia: olhem cá para mim!
Vejam quantos annos tenho,
Nestes dentes de marfim!

Em pello, sob uma colcha,
Outro de braços dormia,
Quando diz um, descobrindo-o:
Surge, oh astro da poesia!..

Um, vendo outro com um vaso,
Diz: — não leves ao saguão:
Deita aqui *nos seios d'alma,*
No fundo do coração!

E vindo-lhe um grosso escarro
A um olho, diz elle agora:
Oh! como é vivificante
O doce orvalho d'aurora!

E juntos, cada um dos doudos
Solta a propria inspiração,
Espalhando em toda a casa
Alarido e confusão!

Zé Povo, que era o porteiro,
Seu lugar deixa, espantado,
E correndo á enfermaria
Exclama, todo pasmado:

« Oh que genios! — que talentos
« Tem Portugal produzido!
« Que pensamentos sublimes
« Hoje tenho aqui ouvido! »

E a porta aberta pilhando
Fogem todos os patetas!
— Desde então, por toda a parte
Ninguem vê senão *poetas!* —



Instrucções d'um Barão novo,

a um

CRIADO VELHO.

Oh João!.. anda cá, quero fallar-te,
P'ra ensinar-te a viver d'hoje em diante;
E nada tens depois p'ra desculpar-te,
Se um dia eu te chamar tolo ou tratante!
Ora olha se escutas bem!

Eim?...

No modo de tratar é mister que andes
Com mais delicadeza, e com cuidado:
Olha que já não sou *Sê Zé Fernandes*,
Como sempre atéqui me tens chamado!
Se não és homem capaz....

Zás!...

E n
Sou
Já s
Que

E
E'
Nã
Só

Nã
Qu
Se
Ou

Qu
São
E
Qu

E não te queixes! — graças aos *sob'ranos*,
Sou hoje *Sê Barão de cascas d'alhos*:
Já servi, como tu — e ha poucos annos
Que p'ra sempre deixei esses trabalhos! —
Inda tu serás *barão*,
João!

E não te rias! — olha que o dinheiro
E' capaz de fazer virar-se o mundo!
Não hasde ser *barão* ou *conselheiro*,
Só porque outr'ora foi carreiro immundo
Teu pai ou teu avô?..
Bô!...

Não chames a tua ama — *Sêra Anninhas*,
Que ella agora é tambem — *Sê Baroneza*;
Se vier a *Maria das Sóquinhas*,
Ou outra minha irmãa, *Anna Thereza*,
« 'Stá cá o meu irmão? »
— Não! —

Que não saiba ninguem que essas mulheres
São irmãas d'um fidalgo tão distincto;
E previne-as tu lá, como puderes,
Que ouvir dellas um — *tu* — já não consinto!
Que ellas o não saibam já,
Vá!

Carreiros todos são os meus parentes,
E não sabem tratar com gente nobre;
Mas quando traga algum roupas decentes,
E tu vejas que á porta se descobre,
E — “ O sê Barão 'stá cá? ”
— 'Stá! —

Sempre á porta estarás — e tem paciencia,
Que para outros serviços te não chamo:
Darás a toda a gente uma *excellencia*,
P'ra que saibam, assim, que a tem teu amo;
E se algum se rir de mau,
Pau!...

E quando no portal juntos estejam
A' espera de teu amo, alguns sujeitos;
Embora mal-criados elles sejam,
E conversem, notando-me defeitos,
Tu, como quem não ouviu,
Siu!...

Inda mesmo que algum mais atrevido
Diga que rico sou por ser tratante,
Que sou por grande parvo conhecido,
E, por minha conducta degradante,
Na nobreza um labéu,
Chéu!...

Não te esqueças, João, do que te digo,
Nem faltes ao programma um só momento;
Bem vês que hoje um Barão é grande amigo!
E attende a que o teu regulamento,
Sem falta começará
Já!

Se um *bosmecê* me dás, ou a tua ama,
Tomando contra ti, por mariola,
Vingança que esse crime atroz reclama,
Fecho-te... lanço mão d'uma pistola,
E sem ter pezar algum,
Pum!...



A MEDICINA.

QUANDO no Eden viviam
Adão e Eva, sómente,
E boticas não haviam,
E, embora houvesse um doente,
Medicos não existiam;

Adão e a companheira
Tinham bem ditosa sorte;
Mas a mulher fez asneira,
E por isso veio a Morte
Dominar a terra inteira.

Ia a familia crescendo,
A Morte ia-a disimando;
E o braço cançado tendo,
Vio que podia, casando,
Ir seu poder estendendo.

E unida c'um mariola
O seu empenho remata!
Cheia de sciencia a bola,
Se a Esposa dizia: — *mata!*
Elle gritava: — *degolla!*

E d'ambição dominado,
P'ra ganhar nome, sómente,
Fez-se o Medico um malvado;
Quando o chamasse um doente,
Era em seguida enterrado!

E negando á caridade
O culto que lhe é devido,
P'ra augmentar a mortandade,
Fez quantos filhos tem tido
Algozes da humanidade!

Desde então os armadores
Tornaram-se homens possantes!
De mãos dadas c'os doutores,
São elles os imperantes
No mundo que geme em dores!

Quem ao boticario imputa
Parte do crime — não pensa! —
Eu ponho-o fóra da luta —
O Doutor lavra a sentença,
O boticario executa.

E, para que o dote valha,
Um compõe systema novo,
E contra os antigos ralha —
E se mais o adora o povo,
Mais o armador trabalha.

De sciencia a bola pejada,
Homeopatha ou Allopatha
Teem a nossa vida em nada;
Que por fim todos teem — *pata* —
Quem tem *pata* dá patada.

Pelo *Raspail* encantado,
Chupando canphora immensa,
Um julga ter escapado;
Por fim é, quando o não pensa,
Um defuncto alcanphorado!

Outro a ventosa e a sangria,
Soffre, sem que o golpe tema;
Nem se lembra que hoje em dia
E' cada novo systema
Uma nova epidemia!

Um quer *Hanheman*, sosinho!
D'Allopathia aos rigores
Tem medo .. mas... coitadinho!
Vai soffrendo as mesmas dôres,
Morre mais devagarinho!

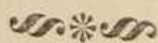
Embora vendo exaltado
Um doutor, pelas gazetas,
Fique o povo embasbacado!
Quem quizer coma taes petas...
Eu... fico mais despeitado...

« Foi curado o *sôr Fulano*,
« Graças á Homeopathia,
« Pelo Medico *Beltrano*,
« D'uma forte desynt'ria
« Que soffria ha mais d'um anno! »

« O *Barão de Pamporrilhas*
« Sarou — c'o systema antigo —
« D'uma indigestão d'ervilhas!
« — Parabens ao *nosso amigo*,
« A' *Barôa* e suas filhas! »

— DIFÍCIL OPERAÇÃO! —

« Foi felizmente operado
« O *nosso amigo Fuão!* —
« — Seja o factu registrado,
« Do grande cirurgião! »



Medicina!... coisa minha
Espero em Deus que não tolhas,
Se a rasão me não definha;
Que os elogios das folhas
Sei quanto custam por linha.


Lamento, com dó profundo,
Ver sobre alguns vossos actos
Esquecimento profundo,
Por não virem, com taes factos,
Gazetas do outro mundo...

Guardai a vossa esperteza!
O que a experiencia me ensina,
Tem mais força e mais clareza:
“ — Manda á fava a medicina,
Deixa obrar a natureza! ”



CARAPUÇA.

Soneto.

 A um grande ratão, que na trapaça
Não encontra comsigo quem se meça;
Mas não é nenhum pulha de tripeça;
Se é *pulha* — figurando — o povo embaça!

Um irmão lhe morreu... e o tal caraça,
Sem que um conselho só a ninguem peça,
Principia a ensacar... porém tropeça,
Que toda a imprensa já lhe faz pirraça!..

Um recto Delegado já lhe atica,
E se o *pilão*, por fim, não leva coça,
Contra o governo a lingua, o povo aguça...

Caia sobre elle o pezo da Justiça!...
P. S.— Aquelle a quem servir, não faça troça...
A *mitra* largue, e ponha a *carapuça*.

NECROLOGIO.

A morte do jornal de Lisboa,

— A ESPERANÇA. —

Não vou ás plantas dos nobres
O vil incenso queimar;
Na campa venho *d'uns pobres* —
Mas *d'espirito* — chorar!
De lisonjas não entendo,
Nem á impostura me rendo
P'ra chamar bom ao que é mau!
Aqui o estylo não brilha!
Cá pela minha cartilha
Pedra é pedra e pau é pau!

Bem ou mal, neste cavaco
Soube á moda obedecer:
Agora... tomem tabaco...
Assoem-se... e podem ler:
Oh! deshonra ao peito humano

Que traga entupido o cano
D'onde o pranto aos olhos vem!
Encerre hoje todo o mundo,
Negro véo de dó profundo...
(A coisa atéqui vai bem.)

Lamento uma desditosa
Que na infancia falleceu:
— Da idade na flor viçosa
Diria um vate, não eu! —
Com a fralda humedecida
Choro uma *folha cahida*,
Que de podre se finou!
Cahida ao pezo d'asneira,
Que, durante a vida inteira,
Sobre a *folha* dominou!

A innocente, a linda *Esperança*
Tinba um meigo coração!
Curvava-se ás leis da pança,
Como ao pau se curva um cão!
Era tão condescendente
Que, p'ra ter que dar ao dente,
Sempre ao *mando* obedeceu!
Mas, com furia deshumana,
Da Parca a dura catana
Deu-lhe um golpe — zás!... morreu!

Foi bem curta a sua vida,
Tres cabeças teve, ou mais!
Cada uma, a pezo vendida
Não dera cinco reaes!
De dramaturgo e poeta
Uma foi; mas de pateta
Fez, por modica *pensão!*
Té lhe chamaram *topada;*
Pois deu tanta cabeçada,
Que pedia um *cabeção!*

D'outra cabeça sahiam
Artigos e folhetins,
De que alguns ratões se riam
Até rebentar-lhe os rins!
Era *Affonsinho de Castro,*
E (p'ra rimar) d'alabastro
Tinha um craneo d'encantâr!
Escrevia com tal sizo,
Que, serio, movia o riso;
Chulo, fazia chorar!

A terceira... oh que masella!
Era uma bola sem par!
Outra bola como aquella,
Dez mil reis a quem a achar!
Tinha a bossa de pateta,

Mas fingia de poeta;
Tinha um *estro de marfim!*
Era a cachola mais ôcca...
(Mau!... que se me escapa a boca,
Digo que era o Aboim!)

E morreu a *Esperança* bella,
Tão novinha se finou!
Maldita febre amarella
Que deste mundo a rapou!
Nem se lembrara o Moacho
Dar por *cujo* este *capacho*,
Que deixou negra infecção!
Lá foi pagar o que deve! —
— A terra lhe seja leve,
Como lhe foi a razão! —



Hontem! Hoje! Amanhã!

I.

FELIZ tempo era aquelle em que d'aldeia
Em mangas de camisa um moço vinha;
Espetada n'um pau a saca cheia,
Na cabeça um farrapo sobre a *tinha*:
Ao lado a *Sêra Mãi*, trazendo a teia
Que fiara interessada c'o a visinha:
De *maiata* na mão o pai adiante,
Que ia o rapaz fazer *cegoniante*.

De boca aberta, o moço, o Porto entrava,
Que uma grandeza assim jámais a vira;
P'ra ver o mar, á Fóz se encaminhava,
Onde a *asneira de pau* hoje se admira;
De lá vinha ao patrão que já o esp'rava,
E de bancos a cama construíra,
E o rapaz que até'hi jámais chorara,
Com lagrimas então lavava a cara.

Entre assucar, arrôz, feijão, toucinho,
O pobre do labroste encarcerado,
O bico não abria, coitadinho,
Porque via o patrão, firme, a seu lado;
Havia á porta um nicho, c'um santinho,
Com azeite da casa allumiado:
— Da loja era o signal, e os bons freguezes
A esmollinha deixavam muitas vezes.

Ao almoço, ao jantar e á ceia havia
Bom caldo de feijões, sardinha assada;
E p'ra cada comida se partia
Bella brôa, de côdea arreganhada;
E se agoa, em vez de vinho, se bebia,
Era sempre de fonte acreditada:
A's noites o rapaz, tocando o berço,
C'o a familia e o patrão rezava o terço.

Assim passava um dia, um mez e um anno,
E chegando por fim a ser caixeiro,
O rapado chapeo, niza de panno,
O seu fato compunham domingueiro:
Não consta algum haver, patrão insano,
Que p'ra o bolso lhe desse algum dinheiro,
Quando, alegre com tanta liberdade,
Ia ao Senhor ao Carmo ou á Trindade!

Era *escravo* o rapaz que assim vivia;
Mas se um dia pozesse loja sua,
O systema era esse que seguia;
E não pondo á semana os pés na rua,
Saudava sempre o sol quando nascia,
Sem que visse jámais surgir a lua!
E alguns destes houveram, sendo honrados,
Que chegaram a ter *dez mil cruzados!*

E se alguns, por negocio ou por herança,
Mais grossos cabedaes amontoaram,
Ninguem na vida sua vio mudança!
De burel os calções nunca os largaram;
Fazendo consistir a sua chança
No rabicho, que sempre conservaram:
Um rabicho dos taes (e não é graça)
Valia mais do que hoje toda a praça.

Não deixava d'haver algum vadio
Que, em vez deste viver seguir á risca,
Gostasse ás vezes d'ir lavar-se ao rio,
Ou as noites passar jogando a bisca;
E no domingo á tarde, sendo estio,
Ir petiscar á tasca da *Francisca!*
E até me consta d'um tão *estouvado*,
Que no theatro uma vez foi encontrado!!!!!!

II.

Como vinham vem hoje... isso é verdade!
Que os costumes não mudam lá n'aldeia;
Mas apenas se pilham na cidade,
Onde, sem freio, o vicio audaz campeia,
Já querem, *para si*, mais liberdade,
E, seja como fôr, a bolsa cheia!
Um borrego que chega a ser caixeiro
Já pensa dominar o mundo inteiro!

Fumando o cigarrinho, ás escondidas,
Jogando, na espelunca, o *seu* sob'rano,
Mil prendas offertando ás *pretendidas*,
Aprendendo a dançar, com fogo insano,
Mais do que se ganhava em duas vidas,
Gasta agora um caixeiro, só n'um anno!
Mas na *gaveta* faz grossa avaria,
Que inda ha pouco o patrão tambem fazia!

Com tal educação, se póde em breve
Ser, ou chamar-se a si, negociante,
Com cara sem pudor, consciencia leve,
Maroteira não ha com que se espante;
Que se muito roubou, se muito deve,
Entre a gente do tom mais brilha ovante!
Quem dinheiro tiver, seu ou alheio,
D'honras e distincções se verá cheio!

Crescendo, com *negocio de segredo*,
Não teme o *negociante* uma fallencia;
O que outr'ora só deu longo degredo,
Rende hoje uma *commenda*, ou a *excellencia*;
C'o governo contando, não teem medo,
Nem honra, nem vergonha, nem consciencia!
E um *pulha* d'hontem, hoje proprietario,
Amanhã é *barão* e milionario!

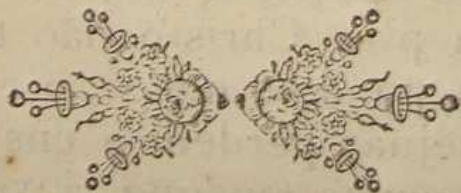
Usuras de tremer, dolosas vendas,
Moeda falsa, firmas imitadas;
Corretagem d'empregos e *commendas*,
Gordas heranças, por dez reis *compradas*;
Roubados os direitos nas fazendas,
E outras coisas, nas *lojas* combinadas,
Eis a *liza* vereda que hoje guia
Um *pandilha*, qualquer, á *fidalgua*!

E quantos magarefes por ahi vejo
Que em pouco tempo, assim, se engrandeceram
E d'olharem p'ra Christo não tem pejo,
Se bem que, pondo-o em si, o escarneceram!
E nem de jejuar perdem o ensejo,
Quando até *carne humana* já venderam!
— Por vós, *Santos Varões*, quem for honrado,
Nem apenas consente ser tocado! —

A toda a parte vão, fazem-se finos,
Os pobres papelões, *nobres senhores!*
E, soltando sem conto os desatinos,
Pretendem, inda assim, ser *oradores*;
Mas quem louco não é, de taes meninos
A amisade não quer, nem quer favores,
E chamando-lhes parvos, asnos, tolos,
Se lhes pilhasse as mãos, dava-lhes bolos!

III.

E' este dos *fidalgos* o presente! —
Mas pensemos agora no futuro.....
Aonde irá, por fim, parar tal gente?
Se o meu entendimento, já maduro,
Em taes *heroes* pensando, me não mente,
Serão por ahi lançados ao monturo:
Ou, se do mundo regular a bola,
De cadeias aos pés irão p'ra Angola.



O ROUBO DA MITRA.

Nos paroximos estava
Dos mezes o mais pequeno;
Corria o tempo sereno,
E alegre o Porto brincava:
Aos folguedos se entregava
Todo o misero mortal;
Todos, sim, ou bem ou mal,
A' asneira preito rendiam,
E — segundo alguns diziam —
Era aquillo — o Carnaval! —

E no accesso da loucura
Soffre o povo duro abalo,
Porque vem atroz badalo,
Deitando agoa na fervura,
Dizer-lhe que á sepultura
Um personagem descia!
Mas como reinar devia
Esse ardor, que esmorecêra,
Enterrou-se quem morrêra,
Divertio-se quem vivia.

No emtanto, em casa do morto,
Velho e gordo *perdigão*,
Arrastava a aza no chão,
Sem á dôr achar conforto;
Mas se estava assim absorto,
Fraternal amor não era;
E' que sem dôr não podera
A tal ave de rapina,
Ver entupir-se-lhe a mina
Que o papo tanto lhe enchêra...

Pouco tempo era passado,
E a Justiça corre prompta,
Ao *perdigão* pedir conta
Do que deixára o finado!
Eis que o pobre, dezazado,

De receio estremeceu!
Ao inventario só deu
Trastes roubados ao fogo!
Do mais, diz, cheio de gôgo:
Cró... có... có... é tudo meu!

E á honra, ao dever contrario,
Nega as tochas que jaziam,
E á Justiça se escondiam
Em seguro, occulto armario!
Mas ao fazer do inventario,
Dando alguém pela melgueira,
Responde:— julgando asneira
Entregar, como devêra —
São uns pausinhos de cêra
Para untar a cabelleira!

E alguém não ha que se opponha,
Do gordo bicho á ambição,
Que na alheia habitação
Tudo tem... menos vergonha!
Que os limites não transponha
Da decencia e cortezia,
Diz-lhe alguém que pretendia
Tanto cynismo evitar:
— Vai-se a Justiça deitar
E dorme até o outro dia!

II.

Corria a noite bem alta,
Tudo em socego jazia,
Só da Sé no largo havia,
De gallegos, grande malta!
Aqui corre, acolá salta,
Entre elles, o *perdigão*
A cada um *picava* a mão
E com vinho os animava!
Dir-se-hia que preparava
Tremenda revolução!

« Amigos, haja cuidado!
« Sempre á lerta o povo nosso!
« Que não venha o consul vosso,
« Que é homem fino... atilado! »
Tendo aos seus assim fallado
O coroadado capataz,
E escolhendo o mais audaz,
P'ra acompanhal-o á *trincheira*,
Vedetas põe, de maneira
Que o não assaltem por traz.

E um velho que inculca, perto,
Criadas para servir,
Na cama se ergue, ao ouvir

Na rua o rumor incerto:
D'um postigo meio-aberto
Um olho cego applicando,
Põe-se em camiza, cucando
Tão estranho movimento:
— Se ha erro no seguimento,
E' elle que o vai contando: —

Mas não se assustem com isto
Os meus nervosos leitores;
Nem temam negros horrores,
Mais negros que os que teem visto!
Não creiam tambem que insisto
Em livral-os do quebranto,
P'ra verem com valor tanto
Alguma scena *vulpina*;
Ou o roubo da *Angelina*,
Que ao mundo causou espanto!

Essa *honrosa* accção reclama
P'ra o *heroe* alto louvor!
E hade ter, seja quem for,
Dez trombetadas da fama!
Se debalde o povo exclama
Contra um governo incapaz,
Esse cavalleiro audaz

Um forte dever lhe ensina;
Pois fez, levando a *Angelina*,
O que a policia não faz!...

E' bem que aos evos remonte
Desse *bravo* o nome augusto,
Que deu, com braço robusto,
A *ajuda* ao Conde da Ponte!
Venha o governo e confronte
Com este o seu proceder!
Aprenda aqui um dever!
Desangeline a cidade...
Faça um bem á humanidade!
(E perdoe quem se doer).

E aos *heroes* que nesse apuro
Prestáram braços valentes,
Perdoem-se os precedentes...
Se alguns teem... que eu não o juro...
Ha por'hi muito homem duro,
Que aos animaes dá maus tratos!
Levam pancada os gatos,
Se ás vezes *cujam* na escada;
Mas teem comida dobrada
Quando nos livram dos ratos...

Mas que importam reflexões?
Um devaneio que importa,
Se a historia já vai mais torta
Que a estrada de Quebrantões?
Deixando, pois, distracções,
Voltando ao largo da Sé,
Sigámos, pé ante-pé,
O sinistro movimento,
De que o velho rabugento,
Que inculca moças, deu fé:

Um postilhão, cauteloso
Vem chamar a gallegada...
Por meia hora marcada...
Tudo fica silencioso...
Sae um grupo, vagaroso,
E o *perdigão*, sem parar,
Seguindo-o, a cacarejar,
Azas abertas, e a boca,
Vem como a gallinha choca
Que tenta os *pintos* guardar...

Quaes farricoucos, cobertos,
Nos hombros o *andor* alçado,
Somem-se, tendo deixado
Aquelles sitios desertos!...
Ficou de braços abertos

O velho, olhando p'ra o ceo!
Só da noite pelo véo,
Vio que o roubo, pobre ou rico,
Era uma coisa c'um bico...
Que ou era *mitra* ou chapeo!..

III.

Bem alto o sol caminhava,
Quando, os olhos esfregando,
E os braços espreguiçando,
Dona Justiça acordava!
Dormio bem... que não julgava
Capaz de taes indecencias,
Uma das altas potencias
Que mais poder teem do que ella...
Pois errou! — tenha cautella
Com as novas *excellencias*...

Coitada! — cahio na pêta!
E quando salvar-se cria,
Da *mitra*... ninguem sabia...
Só existia a boceta!..
Nem armario, nem gaveta
Ao longo exame escapou!
Tudo, porém, se baldou;
E o *perdigão* todo inchado,

Deixou-se estar aninhado,
E nem boliu, nem chiou!...

Um auto lavra a Justiça
Contra o *passaro* bravio;
Mas elle, sem dar um pio,
Cada vez mais se enchourixa!
Roçando a pança roliça
No soalho, como uma bola,
Pensa em nova corriola! —
— Cautella, pois, e'o bichinho!...
Eu cá, tirava-o do ninho,
E encaixava-o na *gaiola*...

III.

Se elle fugir, olho vivo!
— Aqui vos dou os signaes:
E' grosso como um arrais,
E' para os homens esquivo;
Inda assim, d'amor captivo,
Vendo femea, ou nova ou velha,
Arqueando a sobrancelha,
Cioso logo o vereis,
Com loira *poupa* d'anneis,
Com gorda perna vermelha.

No peito e hombros poisadas,
Já chochas, pouco pelludas,
Segura as belfas papudas,
Entre linho entrincheiradas;
E as muralhas engommadas
A que sempre as traz sujeitas,
Quando sejam mais estreitas
Do que uma vela estendida,
Regulam bem na medida,
Pelas *bandeiras do Freitas*.

Dividido em dois o rabo,
De casaquinha á feição,
Dá ao velho *perdigão*
Apparencia de diabo;
E para levar ao cabo
Esta feia semelhança,
O *perdigão* tambem dança,
Fazendo trinta figuras,
Com que attenta as almas puras,
Que lhe vão cahir na pança.

Mais tezo do que um visconde
Anda lento como um sapo;
Que muito lhe peza o papo,
Onde o que come se esconde;
Não ha dia em que não sonde,

Pec
On
E
Er
T

S
H
C
T
C
L
S

Peor na manha que um mico,
Onde metter possa o bico;
E sempre tirando succo,
Era d'antes um maluco,
Tem *excellencia* e está rico!

III.

Se fora um pobre pardal
Em vão buscára retiro;
Que em alcapão, ou a tiro,
Morria o triste animal;
Que não é o fado igual
Para toda a passarada;
Se é sempre mais procurada
A perdiz, a rola e o tordo,
Um *perdigão* velho e gordo
Escapa sempre á caçada....

Veremos... veremos...
Depois... fallaremos...



O BARÃO E O DOUTOR.

B. — Senhor Doutor, dá licença? —

D. — Não sei quem é que está ahí! —

B. — Seu criado — eu vou entrando...

D. — Oh! *Vocencia* por aqui!

A Senhora Baroneza

Como passa? — Tem saude?..

Quiz ir hontem visital-a...

Tive que fazer, não pude.

B. — Eu *le* digo... vai andando;

Mas sempre com suas teimas,

Não quer tomar o remedio

Que *le* deu p'r'as *almoreimas*!

Tem-se queixado do *Omnibus*,
Anda muito incommodada;
Mas tem lá seus *carrapichos*,
E então, não quer tomar nada.

D. — Pois, Senhor, queira *Vocencia*
Vêr se póde resolvê-la
A entregar-se á *Medicina*,
Que eu amanhã irei vê-la.

Vá-lhe dando alguns passeios,
Roubando-a á meditação;
Que é sempre, nessas molestias,
Proveitosa a distracção.

B. — Ai... *bô... bô!...* alguns passeios!..
Ella em caza nunca está;
Não ha por'hi uma festa
Onde eu com ella não vá!

Já foi a Fóz vêr o *hydroppico*,
E *honte* fomos ó *triato*;
E por signal, que chegamos
No fim do *purmeiro* acto.

A *propósto*, meu amigo,
Que me diz á Companhia?
Aquella *Lucrecia Borges*
Foi bem... *apois* não iria?

Olhe qu'aquelle... o... *Finorio*,
Qu'è cunhado da *Jordana*,
Canta bem... é *bô maritmo*,
E nunca... nunca se engana!

E o outro tenor baixito,
Chamo-le o *basso profundo*,
Tamem é *bô*... e bem mostra
Que tem *pratega* do mundo.

E a *Jordana*! Isso é que canta
Com'eu inda não ouvi!
Não sei porque esses *janotas*
Dão mais palmas á *Ponti*!

D. — A *Ponti* é como artista
Cousa muito sup'rior,

B. — O que?... melhor qu'á *Jordana*?..
Nada... nada... não senhor!

A *Ponti*, não gosto della;
— Não digo qu'è mau contralto;
Mas é muito presumida...
A outra canta mais alto.

Não faz uns taes *gargarejos*;
Mas quem sabe o que ella foi?...
Tem um cantar grosso e forte,
Qu'as vezes parece um boi!

Quando, ha dias, dava palmas
A' *Ponti*, certo magote,
Em fim — *pequenas miserias* —
Disse eu lá do *cambarote*.

E' gente que não entende,
Gosta d'uma *bacatella*;
A *Ponti* se é boa dama,
Eu não *engraço* com ella!

Diga-me — que livro é esse,
Que lia quando eu cheguei?
D. — Era o *Hanheman*. — B. — Conheço,
Grande poeta... bem sei!

O Senhor Doutor se lêsse
A *Fremosa Mangalona*,
Havia de gostar muito;
Olhe que é muito ratona!

E quando quizer bons livros
Faça favor d'ir por lá:
Tambem tenho o *Calros Mano...*
Eu l'os mandarei p'ra cá.

D. — São bons livros — eu conheço-o;
Fico obrigado a *Vocencia*;
Mas o tempo que me resta
Emprego-o só na sciencia.

B. — Na sciencia?... e é *bô* livro?..
E quantos *balumes* tem?..
Ah!... já sei... eu 'stava tolo...
São quatro... tenho-os *tamem*!

Olhe que eu sou dado ás letras,
E gosto de me *istruir*:
Pois de fallar?... quando fallo
Todos gostam de m'ouvir.

Mas passemos a outra coisa:
Estes retratos quem são?
Vámos cá dar volta á sala,
E faça-me a explicação.

D'aquelle estão-me a dar ares;
Não será um meu *besinho*?
D. — E' *Lammenais*. — B. — E' o mesmo,
Já lhe merquei muito *binho*.

Ora diga-me — e aquelle
Que tem aneis no cabello?
Aquelle *home* é estrangeiro,
Que eu não me lembro de vê-lo.

D. — De certo não, que é antigo,
Já não é dos tempos seus;
Nem é possível, *Vocencia*
Ter visto o Rei dos Judeus.

B. — O Rei dos Judeus! — E' este? —
Oh que soberbo tratante!
Não sei como quer em caza
Um retrato semelhante!...

Eu cá sou escrupuloso
Nisto de religião:
O Rei dos Judeus! — Arruda!
E na caza d'um christão!...

Este sim... não é o Bispo?...
O D. Jiromeno?... é...
Morreu... coitado... era um *home*
Em que eu tinha muita fé.

E por via das exequias...
Por se metter a pregar,
E' que se foi... que era rijo,
Inda podia durar.

D. — Eu não sei que lhe viesse
D'ahi, molestia de morte!
Com o estudo... a vigilia...
Podia bem, que era forte!

B. — Mas olhe cá, meu amigo,
Aqui p'ra nós: — qu' é vigilia?...
D. — Falta de somno. — B.. — Isso, isso...
Tudo por causa da *Emilia*...

Um *home* que tem idade
E quer fazer de rapaz,
Mettido nesses excessos,
Não sabe a asneira que faz!

Em fim, Doutor, vou-me á praça,
Que deve agora estar cheia:
— Até á noite, *qu'habemos*
De *bêr-nos* na *Sunboleia*.



ERRATA.

A pag. 21 — verso 3.^o — onde se lê —
esquecimento profundo — deve lêr-se — *esque-*
cimento tão fundo.

AOS LEITORES.

SONETO.


Já lestes? — Ora então que vos parece?
Não sou benigno, até, não sou prudente?
Quando tanto escriptor vos ferra o dente,
Eu espeto o ferrão, que só aquece:

E qual é que, de vós, não agradece
Minha extrema bondade, tão patente?
Se algum se recusar é indecente,
E maior ferroada então merece:

Nunca injustiça tal alguém me faça!
Pois quando sympathias só requesto
Heide ouvir-vos ralhar!... Ora... isso é graça!

Sois tolerantes, sois, não o contesto:
Seringuei-vos um pouco? — foi chalaça —
Perdão! — para outra vez irá o resto...

100.



Vende-se no *Armazem de Pa-
pet* DE FREITAS JUNIOR, rua das
Flores n.º 250 a 253 — e tambem se
vende em Lisboa — Coimbra — Vian-
na — Braga — e Guimarães.